

PROPRIEDADE INTELECTUAL

Marcas nacionais investem pouco na internacionalização



Volume de pedidos de marca internacionais nos últimos 20 anos não acompanha o das marcas nacionais

FOTO GETTY IMAGES

Portugueses **continuam muito focados no mercado nacional**, onde os pedidos de marca têm crescido

MARIA JOÃO BOURBON

Em cada 100 pedidos de marca realizados por empresas com origem em Portugal, apenas 20 são dirigidos ao mercado internacional, abaixo da média europeia (46%). A conclusão é do barómetro “Marcas Made In Portugal”, realizado pela consultora especialista em proteção de propriedade intelectual Inventa International.

Analisando mais de 14 milhões de pedidos de marca entre 2001 e 2020, conclui-se que “Portugal encontra-se em 15º lugar” e que “nos últimos dois anos (2019 e 2020) baixou três posições, ficando atrás da Eslovénia”, diz ao Expresso Tiago Reis Nobre, sócio e coadministrador da consultora, referindo que o número de pedidos a nível internacional cresceu ligeiramente até 2010, acabando posteriormente por estagnar. “Estes dados confirmam o pouco investimento na internacionalização e globalização das marcas portuguesas ao longo dos anos.”

O estudo revela que o volume de pedidos de marca internacionais nos últimos 20 anos não acompanha o volume de proteção das marcas nacionais. Enquanto ao nível dos pedidos de marca a nível nacional Portugal aparece em 6º lugar do ranking — atrás de países como a França, a Alemanha e o Reino Unido (com 389.875 pedidos nas duas décadas e um volume anual acima das 20 mil marcas) —, a sua pegada internacional fica “muito abaixo do expectável”, na 15ª posição.

Muito focados no mercado nacional, portugueses perdem oportunidades de negócio internacionais

Ainda assim, o administrador da Inventa ressalva que os dados apresentados apenas dizem respeito a pedidos de marca efetivamente requeridos a nível internacional. “É possível que existam muitas marcas que são exportadas para fora de Portugal sem estarem registadas”, realça. “Não obstante, é um facto que os portugueses estão muito focados no mercado nacional, perdendo possivelmente muitas oportunidades de negócio a nível internacional, que estão a ser aproveitadas por outros países”, acrescenta. E recorda que hoje existem fundos europeus destinados a incentivar a internacionalização de empresas.

O estudo mostra ainda que cerca de 15% dos pedidos de marca submetidos por titulares portugueses ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) não foram concedidos nas últimas duas décadas, por motivos relacionados com a falta de distinção da marca, o não preenchimento de requisitos formais e a imitação de uma marca já registada. Percentagem que sobe para 24% e 37%, respetivamente, nos pedidos de marca portuguesas junto da União Europeia (UE) e dos Estados Unidos (EUA).

PEDIDOS EM PANDEMIA

Apesar da pandemia de covid-19 que atingiu Portugal e o mundo, o volume de pedidos de marcas nacionais em 2020 foi de 21.471, “um número surpreendente, principalmente se o equiparmos com as 21.627 marcas requeridas em 2019”, nota Tiago Reis Nobre. A facilidade em realizar pedidos de marca online e o seu custo reduzido, a criação de muitos micronegócios no sector do vestuário (que, com a pandemia, aderiram às vendas online) e o peso das marcas de vinho em Portugal — obrigadas pelos reguladores a registarem-se junto do Instituto Nacional da Propriedade Intelectual (INPI) para a obtenção das denominações de origem e indicações geográficas — são alguns dos motivos que contribuem para o volume registado nesse ano. Portugal, em 2019 e 2020, ficou em 2º lugar do ranking per capita ao nível de pedidos de marca nacionais realizados por países da UE.

Vestuário e calçado, aparelhos informáticos e bebidas alcoólicas são algumas das áreas mais internacionalizadas

Já a nível internacional o resultado foi menos animador, passando para a 18ª posição. O número de pedidos de marca a nível internacional caiu em 2020 cerca de 25%, “algo expectável e dentro da média registada por outros países membros da União Europeia [UE]”. UE e Reino Unido representam 60% dos pedidos de marcas portuguesas no exterior, seguindo-se os EUA (7%), o Brasil (6%) e a China (4%).

De acordo com o barómetro, entre os titulares portugueses com maior número de pedidos de marca a nível nacional nos últimos 20 anos está, no topo da lista, o laboratório de produtos farmacêuticos Labialfarma, seguido pela Modelo Continente, TVI e Universidade de Aveiro. MEO (5ª posição), SIC (detida pela Impresa, dona do Expresso, na 7ª posição) e PT Comunicações (10ª) estão também no top 10.

A nível internacional, a tabela é liderada pela EDP, seguindo-se novamente o Modelo Continente numa lista que conta ainda com a Bial (4ª), Sogrape (5ª) e Caixa Geral de Depósitos (7ª). As áreas de vestuário e calçado, de programas informáticos, aparelhos e instrumentos de investigação, fotográficos, entre outros, e das bebidas alcoólicas (exceto cervejas) são aquelas com produtos mais internacionalizados.

NÚMEROS

20%

das marcas requeridas por portugueses foram pedidas a nível internacional nas últimas duas décadas

15%

das marcas pedidas por portugueses ao Instituto Nacional da Propriedade Intelectual não foram concedidas entre 2001 e 2020

21.471

pedidos de marca nacionais no ano de 2020, em plena pandemia. Em 2019 esse número foi de 21.627